# AS JOIAS MÓVEIS CIRCULAM PARA ENSINAR QUE A AUTORIDADE É TRANSITÓRIA; AS IMÓVEIS FICAM PARA ENSINAR QUE O TRABALHO É PERMANENTE.

JULIO B. LUSSARI

CAPÍTULO

# 15

## OS OFICIAIS DA LOJA

De forma muito simplificada, uma Loja é um corpo de ofícios e oficiais. A sala orientada e as joias que estudamos existem para servir a um trabalho, e o trabalho é feito por homens com funções precisas, renovadas (e rotacionadas) ano a ano, cada qual com seu lugar, seu colar, suas falas, seus movimentos, suas pausas e seus silêncios. O Aprendiz assiste a esse corpo em movimento desde a primeira sessão, e quase nunca alguém lhe explica o que está acontecendo ou sendo feito; e, no entanto, dentro de alguns anos, será ele quem estará sentado numa daquelas cadeiras, começando o percurso que a tradição inglesa chama de "andar pelas cadeiras", de ofício em ofício, rumo ao Oriente.

Este capítulo existe para as duas pontas desse arco: para o Aprendiz que quer entender a sessão a que assiste, e para o Irmão que acaba de receber um colar e quer honrá-lo. Por isso ele tem um desenho diferente dos demais, deliberadamente uniforme: cada oficial é apresentado na ordem em que o candidato o encontra na noite da Iniciação, e cada um recebe os mesmos quatro blocos, sempre com os mesmos nomes, para servir também de consulta: na sessão ordinária, o que o ofício faz numa reunião comum; na Iniciação, o que lhe cabe na cerimônia que este livro estudou; o que o oficial não pode esquecer, os pontos em que o erro é mais comum ou mais custoso; e a elegância, aquilo que separa o trabalho correto do trabalho belo.

Os pormenores de execução deste capítulo vêm, quase na totalidade, de Graham Redman, cuja obra sobre a prática de Emulação é o guia moderno dos ofícios,[1] complementado pelas rubricas do próprio ritual; onde a recomendação for leitura minha, direi. Os deveres dos oficiais nos graus seguintes ficam onde devem ficar: fora deste livro. E o espírito é o que Redman fixa logo nas suas considerações gerais, numa regra que vale para todos os ofícios e que pode ser considerada a definição de elegância do sistema

1 As recomendações de execução deste capítulo provêm de Redman, na obra sobre a prática do sistema de Emulação que integra o corpus deste livro (Emulação hoje), citada aqui por capítulos: Considerações Gerais (cap. 3), Cobridor (cap. 4), Guarda Interno (cap. 5), Diáconos (caps. 6 a 8), Vigilantes (caps. 11 a 13) e Venerável Mestre (cap. 15). A edição consultada não possui paginação estável, razão pela qual as remissões se fazem por capítulo, conforme a regra fixada neste livro para obras sem localizador.

inteiro: os sinais são dados **silenciosamente e com precisão, porém sem qualquer ostentação indevida**; sempre com a mão completamente aberta, pois a prática de fechar o punho ao descarregar, por mais vistosa que pareça a alguns, é firmemente desencorajada como desmazelo.




**Figura 15.1.** Andar pelas cadeiras. Elaboração do autor. Percurso habitual na tradição inglesa; cada Loja o adapta.

Uma última regra geral, porque organiza dezenas de situações: fica de pé e à ordem **quem inicia o diálogo**, não quem o recebe. Quando o Venerável se

dirige a um oficial, este não se levanta para ouvir; levanta-se, com passo e sinal, quando é a sua vez de reportar, porque é ele quem está falando a um superior. O Aprendiz que observar uma abertura com essa chave verá a lógica onde antes via apenas gente levantando e sentando. É a mesma lógica da disciplina militar: a continência é prestada primeiro pelo militar de menor precedência hierárquica.

## 15.1 O Cobridor ou Guarda Externo

O primeiro oficial que o candidato encontra é o único que trabalha do lado de fora. A Preleção já nos deu a definição do ofício em duas partes: armado de espada para conter intrusos e impostores e zelar para que os candidatos estejam devidamente preparados; e essa segunda parte, como vimos, fez dele o autor das subtrações que abriram a Parte II. É o ofício fronteiriço: tudo o que entra em Loja, homem ou candidato, passa primeiro por ele.

**Na sessão ordinária:** Antes de qualquer trabalho, o Cobridor prepara: a arrumação da sala da Loja, com tudo em seu lugar, está particularmente sob sua direção. Durante a sessão, ele guarda a porta pelo lado de fora e anuncia quem chega. E aqui vive a regra que Redman crava: em Emulação, o Cobridor **nunca dá uma batida única**. O retardatário é anunciado com as batidas do grau em que a Loja estiver aberta naquele momento; e o anúncio verbal é seco e direto: "O Irmão Fulano", sem o prefixo "Venerável", sem o posto, sem acrescentar "buscando admissão", sem dizer o que o Irmão deseja. Havendo mais de um, "O Irmão Fulano e outros Irmãos", fórmula que a Emulation Lodge of Improvement mantém por antigo costume mesmo quando os "outros" são um só. Quem retorna de ausência temporária é "O Irmão Fulano, em seu retorno".

**Na Iniciação:** O Cobridor prepara o candidato, peça a peça, como a Parte II descreveu; dá por ele as três batidas distintas, **em intervalos mais longos** do que os usados dentro da Loja, para que quem está dentro saiba, pelo ritmo, que não é um retardatário; responde ao Guarda Interno com a fórmula completa da apresentação; e sopra ao candidato a resposta que este deve repetir. Quando o candidato sai para retomar seu conforto pessoal e volta, o anúncio muda de natureza: "O Candidato, em seu retorno", **sem o**

**nome**. Na ida, um homem com nome completo pedia entrada; na volta, quem entra já é o Candidato, sem nome, e o anúncio do Cobridor registra essa mudança de condição.

**O que ele não pode esquecer:** Redman aponta, com franqueza, o dever mais negligenciado do ofício: assegurar que o candidato **de fato repita** as palavras "Com o auxílio de Deus, por ser livre e de boa reputação" em resposta à segunda pergunta do Guarda Interno; "infelizmente, isto raramente ocorre numa Loja comum". O leitor deste livro sabe o que está em jogo: aquelas são as palavras de passe do candidato, a primeira coisa que ele diz na noite, e um Cobridor apressado rouba dele exatamente o primeiro ato da sua vida maçônica. O segundo ponto: os ritmos. As batidas do candidato à Iniciação, do retardatário e do candidato em retorno não são iguais, e trocá-las desinforma a Loja inteira, que "lê" a porta pelos ouvidos.

**A elegância:** Está no cuidado invisível: gastar, antes de anunciar o retorno do candidato, alguns momentos conferindo com ele o Passo e a saudação que deverá dar ao reingressar. O candidato que entra seguro deve essa segurança a um Cobridor que ninguém viu trabalhar.



**Figura 15.2.** Joia do Cobridor, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.

## 15.2 O Guarda Interno

Do lado de dentro da mesma porta está o seu par. O ofício é herdeiro, como vimos no estudo da Exortação, do costume setecentista de encarregar o último iniciado de guardar a entrada, tocando o candidato seguinte com a trolha; hoje a admissão dos que batem é a sua matéria, sob as ordens do Segundo Vigilante.

**Na sessão ordinária:** Seu assento é à esquerda do Primeiro Vigilante, e sua posição de trabalho é de uma precisão que Redman descreve ao centímetro: todos os comunicados são feitos de pé, imediatamente à frente da própria cadeira, quase a tocá-la com a parte de trás dos joelhos, corpo voltado ao Leste; ele **não avança ao pavimento da Loja**, e, ao dirigir-se ao Segundo Vigilante, não gira o corpo, apenas a cabeça, depois de dado o passo e feito o sinal quando couber. Na abertura no primeiro grau, seu momento é a verificação da cobertura: vai à porta **sem abri-la**, dá as batidas do grau, e volta imediatamente ao seu lugar, sem esperar junto à porta pela resposta do Cobridor, que deve ser claramente audível de dentro; e reporta. Nesse diálogo da abertura do primeiro grau, detalhe fino, ele não dá passo nem sinal, e trata o Segundo Vigilante pelo nome, pela razão que veremos no bloco do Venerável. Quando a Loja é declarada aberta, cabe-lhe repetir as batidas na porta, replicando o ritmo do Mestre e dos Vigilantes e mantendo entre a sua vez e a do Segundo Vigilante o mesmo intervalo que este manteve do Primeiro, o que, numa sala grande, pode exigir que deixe o lugar antes da hora; quando há candidato aguardando do lado de fora nos graus seguintes, as batidas internas são dadas em surdina, e ele as reproduz em seu lugar mesmo, com a mão direita sobre o punho da esquerda, cuidando do ritmo.

**Na Iniciação:** É dele o diálogo da porta que o capítulo 5 estudou palavra por palavra: as perguntas ao Cobridor, o transporte da resposta ao Segundo Vigilante e ao Venerável, e o primeiro contato físico da Loja com o candidato, a apresentação do p...l ao peito, erguendo-o em seguida à vista de todos, na prestação de contas visual que já explicamos. Feito isso, dá um passo ao lado e entrega o candidato ao Segundo Diácono. Seu grande momento dura um minuto; a cerimônia inteira depende de que esse minuto seja perfeito.

**O que não pode esquecer:** A distinção entre as duas fórmulas de cobertura: na abertura, "a Loja está **devidamente** coberta"; no encerramento, "a Loja está **bem** coberta". E um vício de ênfase que a Emulation Lodge of Improvement desencoraja com firmeza, e que Redman disseca com humor fino: acentuar o "está" ("a Loja **está** devidamente coberta"). A ênfase é desnecessária e, se comunica alguma coisa, é a insinuação de que não se podia confiar que o Cobridor fizesse seu trabalho, ou, pior, de que o Segundo Vigilante exagerou na cautela ao perguntar.

**A elegância:** No ofício do Guarda Interno, a elegância é geométrica: a imobilidade do corpo voltado ao Leste, o giro só da cabeça, a economia de não avançar um passo além do necessário. É o oficial que mais faz com menos deslocamento, e a beleza do seu trabalho está em parecer que a porta se governa sozinha.



**Figura 15.3.** Joia do Guarda Interno, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.

## 15.3 Os Diáconos

Antes de separá-los, vamos olhar o que os dois têm em comum. Os Diáconos são os oficiais do movimento: enquanto todos os demais trabalham de seus lugares, eles atravessam a sala, levam mensagens e conduzem candidatos, e por isso portam varas, cujo topo, como já vimos, exibe a pomba da mensageria. E as mensagens não são figura de linguagem: Carr descreve, na própria Loja, um documento assinado em Loja aberta correndo do Secretário ao Mestre, do Primeiro Diácono ao Primeiro Vigilante, do Segundo Diácono ao Segundo Vigilante e de volta ao Secretário, exatamente pelo circuito que a investidura dos Diáconos descreve (Mello, 2013, v. 2, p. 41). A vara tem até modo certo de ser carregada: segurada com os dedos que a estabilizam, no ponto em que a mão alcança naturalmente a altura do cotovelo, base ao solo; erguendo o antebraço a quarenta e cinco graus, ela fica na posição ótima para o deslocamento. Há, na prática, duas maneiras de portá-la: a descrita acima, própria do Diretor de Cerimônias, com o cotovelo em esquadro; e a mais comum entre os Diáconos na Emulação, com a vara apoiada ao ombro (informação verbal de Tony Henley).

Duas regras comuns valem por um curso inteiro de condução. Primeira: as instruções e os ditados ao candidato que estão **impressos em preto** no Ritual de Emulação são ditos em voz alta, para que toda a Loja ouça, porque são palavras do ritual; tudo o que é mera rubrica de condução é **sussurrado**. O Diácono que sussurra o que devia proclamar apaga o ritual; o que proclama o que devia sussurrar transforma o bastidor em palco. Segunda: a Loja só é **enquadrada** (ou esquadrejada), com os cantos feitos em ângulo reto, durante as perambulações; em todas as outras ocasiões o Diácono conduz o candidato pelo caminho mais curto, em linha reta. O esquadrejamento fica reservado às perambulações; fora delas, a condução só atende à necessidade do momento.

Inman, escrevendo em 1953, já consolidava as três diferenças que mais denunciam o Irmão que não frequenta Loja de Instrução, e as três continuam valendo. A primeira: quando um oficial apenas responde a uma pergunta do Mestre, não faz Sinal; quando se dirige deliberadamente a um superior, faz. A segunda, a do Primeiro Vigilante: “na maioria dos sistemas o

Primeiro Vigilante salta sobre seus pés e mostra o Sinal quando o Venerável se dirige a ele"; na Emulação, ele não erra se permanecer sentado quando endereçado e ficar à ordem apenas quando se dirige ao Mestre. A terceira é dos Diáconos: "em muitos sistemas o Diácono mostra o Sinal a todo momento, confundindo o candidato; no trabalho de Emulação isto nunca é feito", e "toda saudação maçônica será dada com polidez, precisão militar, e nunca com qualquer implemento à mão"; uma saudação, aliás, "nunca é dada ao passar" (Inman, 2026). A regra de quem inicia o diálogo, que abriu este capítulo, tem portanto meio século de escrita a sustentá-la.



**Figura 15.4.** Joia dos Diáconos, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.



**Figura 15.5.** O topo do bastão de Diácono, com a pomba. Shop at Freemasons' Hall, UGLE.

## 15.4 O Segundo Diácono

**Na sessão ordinária:** Seu lugar é à direita do Primeiro Vigilante, e seu dever de rotina mais visível envolve a joia imóvel que estudamos: é o Segundo Diácono quem troca a Tábua de Delinear quando a Loja é aberta, encerrada ou revertida de grau, movendo-se de preferência só depois de o Segundo Vigilante ter dado as batidas.

**Na Iniciação:** É a sua cerimônia. Durante toda a Iniciação, o candidato está a cargo do Segundo Diácono, exceto no pedestal do Venerável, quando sua autoridade se subordina à do Mestre. É ele quem toma o candidato pela mão direita quando o Guarda Interno se afasta, **e neste grau é particularmente importante que a tome com firmeza**; quem o conduz ao genuflexório; quem dita em voz alta as respostas ao exame do Mestre; quem, ao golpe de malhete, passa a vara à mão esquerda para cruzá-la sobre a cabeça do candidato e faz o sinal de Reverência com a direita, na cena da prece que o capítulo 5 descreveu; quem o ergue, não antes de o Mestre completar "...onde é invocado o nome de Deus"; quem o conduz pelas perambulações, batendo em seu nome nos ombros dos Vigilantes com golpes firmes, "mas não com tanta força que cause desconforto a qualquer uma das partes"; quem o posiciona, o volta ao Leste, o apresenta e o reapresenta, do primeiro passo ao assento final no topo da coluna do Norte.

**O que não pode esquecer:** A regra que Redman escreve duas vezes, de tão essencial: **nunca abandonar a mão do candidato enquanto ele estiver vendado**, exceto quando ajoelhado ou quando outro oficial a segura. O peso disso este livro já mediu: toda a construção da confiança que o capítulo 5 analisou, o seguir sem medo um guia que não se vê, repousa fisicamente nessa mão. Um candidato vendado e solto, ainda que por segundos, é a cerimônia inteira desacreditada por descuido. A mecânica recomendada é simples: o braço esquerdo do Diácono por trás do braço direito do candidato, que é como se obtém mais controle com menos aparato.

**A elegância:** Está na voz e na mão, nos dois registros bem separados: o sussurro que orienta sem aparecer, a voz alta que dita com clareza para a sala inteira; e uma condução que o candidato sinta como apoio, não como

puxão e arrasto. Se o homem vendado atravessa a Loja com naturalidade, o mérito é do Segundo Diácono.

## 15.5 O Primeiro Diácono

**Na sessão ordinária:** Seu lugar é à direita do Venerável Mestre, ou próximo dele, e seu ofício de rotina é o da mensageria entre o Mestre e o Primeiro Vigilante, levando ordens e trazendo reportes: é a voz do Oriente em trânsito.

**Na Iniciação:** Seu papel é breve e cerimonialmente belo: acompanha o Segundo Diácono até a porta para a admissão, e, na prece, cruza a sua vara com a dele sobre a cabeça do candidato ajoelhado, formando a abóbada que o capítulo 5 revelou a quem não pôde vê-la; assiste ao Juramento em seu posto e, diz Redman com todas as letras, **após o Juramento ele não tem nenhum outro dever durante a cerimônia**. A Iniciação é a noite do seu colega; a dele virá no grau seguinte, e por isso fica fora deste livro.

**O que não pode esquecer:** O momento exato do cruzamento das varas, que não admite atraso: a abóbada deve estar formada quando a prece começa, não durante. E a disciplina de não atuar: numa cerimônia em que quase tudo passa pelo outro Diácono, o Primeiro serve ficando pronto e fora do caminho, o que é mais difícil do que parece.

**A elegância:** A de saber ser o segundo numa noite que não é sua. Há poucos testes mais finos do espírito de um oficial do que executar com perfeição um papel pequeno; o Primeiro Diácono que cruza a vara no tempo justo e desaparece está ensinando, a quem repara, o que a Ordem entende por servir.

## 15.6 O Segundo Vigilante

Ele já apareceu neste livro por dois títulos: o oficial do Sul, que assinala o Sol em seu meridiano e chama os Irmãos do trabalho ao descanso e do descanso ao trabalho; e o portador do Prumo, a joia da retidão. Falta vê-lo em ação.

**Na sessão ordinária:** Na abertura, é dele a primeira resposta da Loja: "qual é o primeiro cuidado de todo Maçom?", responde que é ver a Loja devidamente coberta, e ordena ao Guarda Interno que verifique; recebido o reporte, transmite-o ao Mestre. No encerramento, a mesma verificação sob outra fórmula, "o constante cuidado". Cabe-lhe ainda o governo da sua coluna, erguendo-a quando a Loja é chamada do trabalho ao descanso, como sua investidura determina, no jogo de colunas com o Primeiro Vigilante que sinaliza a toda a Loja em que estado ela se encontra; e, como os demais oficiais principais, entrar e sair do pedestal sempre no sentido horário: entra pelo Leste, sai pelo Oeste.

Quem quiser saber de onde vem esse jogo tem a resposta de Carr, e ela é mais honesta do que as muitas "interpretações" em circulação: boa parte dos nossos procedimentos resulta do trabalho da Loja de Promulgação, criada pelos Modernos entre 1809 e 1811 para revisar a liturgia em preparação à União; em 23 de janeiro de 1810 fixaram-se os lugares dos Vigilantes, com o Segundo no Sul, e três dias depois a posição das colunetas, procedimento então adotado na União. A única explicação satisfatória para uma subir e a outra descer, diz Carr, é a mais simples: distinguir quando a Loja está aberta e quando está fechada; e antes da União os dois Vigilantes ficavam no Oeste, onde hoje ficam o Segundo Diácono e o Guarda Interno, quase certamente sem colunetas (Mello, 2013, v. 2, p. 39-40). O objeto que parece imemorial tem data de nascimento, e é a mesma da Loja que preparou o nosso ritual.

**Na Iniciação:** Dois momentos. O primeiro, na admissão: é a ele que o Guarda Interno reporta as batidas, e é ele quem pergunta ao Mestre se o candidato deve ser admitido; e aqui mora uma exclusividade que Redman destaca: **na cerimônia de Iniciação, e em nenhuma outra, o Segundo Vigilante bate antes de ficar de pé** com passo e sinal para fazer seu

anúncio ao Mestre; nos demais graus, levanta-se imediatamente, sem bater. O segundo momento é o exame na perambulação, que o capítulo 9 estudou: o interrogatório completo do candidato, com a palavra soletrada e dividida, encerrado com o "Entrai, livre e de boa reputação" e o erguer da mão.

**O que não pode esquecer:** A batida exclusiva da Iniciação, exatamente porque é exclusiva: o oficial que a omite, ou que a leva para os outros graus, está apagando uma distinção que o sistema quis deliberadamente fazer e manter. E permanecer de pé à ordem, depois do anúncio, até receber as instruções do Mestre, descarregando o sinal e sentando **antes** de se dirigir ao Guarda Interno.

**A elegância:** No exame do candidato, a elegância é o tom: o Segundo Vigilante examina um homem que acabou de jurar e ainda não viu quase nada; firmeza na forma, benevolência no modo. E há a elegância do meridiano: o oficial que chama do trabalho ao descanso e do descanso ao trabalho administra, literalmente, o fôlego da Loja; fazê-lo com o tempo devido, sem deixar a sessão se arrastar nem atropelar o descanso, ajuda a reger sem parecer que rege.



**Figura 15.6.** Joia do Segundo Vigilante, o Prumo, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.

## 15.7 O Primeiro Vigilante



**Figura 15.7.** O pedestal do Primeiro Vigilante, com a sua coluneta, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.

O oficial do Ocidente, que assinala o ocaso do Sol e encerra a Loja por ordem do Venerável Mestre, "depois de verificar que cada Irmão recebeu o que lhe é devido"; o portador do Nível, a joia da igualdade. Na hierarquia, o segundo da Loja (ou, na linguagem das instituições sem fins lucrativos, o vice-presidente); na cerimônia em questão, é o autor do gesto que o candidato levará no corpo pela vida inteira.

**Na sessão ordinária:** Na abertura, responde pela presença: constatar que todos os presentes são maçons é o seu cuidado declarado. Governa a sua coluna, erguida enquanto a Loja trabalha, no diálogo silencioso com a do Sul; repete as batidas do Mestre em seu pedestal, no ritmo exato, inclusive quando dadas em surdina; entra pelo Sul e sai pelo Norte do seu pedestal, no mesmo sentido horário de todos.

**Na Iniciação:** Três momentos em escala crescente. O exame da perambulação, mais extenso que o do Sul, com a derivação e o significado que o capítulo 9 apontou. A apresentação do candidato ao Mestre, "para receber algum sinal de vossa estima". E a investidura, por ordem do Venerável Mestre: é o Primeiro Vigilante quem veste o primeiro avental de um maçom, pronuncia a fórmula das comparações e desfecha, com a Loja inteira, o golpe simultâneo sobre a insígnia.

**O que não pode esquecer:** Redman desce aos detalhes porque neles mora a beleza do trabalho de Emulação: ao erguer a mão do candidato na apresentação, elevá-la **apenas até a altura do ombro**, ou pouco acima, sem transformar o gesto em troféu; segurar a insígnia **antes de começar a falar**, pelo canto inferior direito do ângulo de visão do candidato, com a mão esquerda, mantendo-a até o fim da fala; e bater no avental exatamente na palavra "**insígnia**", não no "esta" que a precede. Parece minúcia, e é; mas o golpe na palavra errada desloca a ênfase da fórmula.

**A elegância:** O ofício encerra a Loja "depois de verificar que cada Irmão recebeu o que lhe é devido", e a elegância do Primeiro Vigilante é fazer dessa fórmula um hábito de atenção: é o oficial que olha a sala como quem confere uma folha de pagamento invisível, de instrução, de oportunidade, de cuidado. Na investidura, sua elegância é a do tom: ele está entregando a um homem a insígnia que apresentará como mais antiga que impérios;

solenidade sem pompa, exatamente na medida da fórmula que pronuncia.



**Figura 15.8.** Joia do Primeiro Vigilante, o Nível, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.

## 15.8 O Venerável Mestre

O oficial do Oriente, colocado onde o Sol se ergue "para abrir a Loja e empregar e instruir os Irmãos"; o portador do Esquadro; o terceiro dos luminares menores. Tudo o que este livro disse sobre o seu lugar converge aqui para o seu trabalho.

**Na sessão ordinária:** O Mestre abre, dirige e encerra; dá as batidas que todos repetem; conduz o jogral da abertura, posto por posto; e governa o andamento com o malhete que conhecemos desde a restauração da luz. Redman guarda, sobre a abertura no primeiro grau, uma finura que vale o capítulo: **até o momento em que os Irmãos ficam à ordem, provando com isso serem maçons, o Mestre se dirige aos Vigilantes pelos nomes, e não pelos cargos**. "Irmão Fulano", e não "Irmão Segundo Vigilante", enquanto a sala ainda é, formalmente, uma reunião de homens; os cargos só entram em cena quando os sinais atestam que ali há uma Loja. Em Emulação, até a forma de tratamento espera a prova de que ali há maçons. E um cuidado de regência: feita a pergunta ao Segundo Vigilante, aguardar que ele descarregue por completo o sinal antes de dirigir a próxima ao Primeiro, para que a pergunta não atropele o gesto.

**Na Iniciação:** O Mestre é o polo de tudo o que a Parte II narrou: o interrogatório da admissão, a prece que ele mesmo abre, a Obrigação que administra cláusula a cláusula, o golpe de malhete que comanda a luz em uníssono, a apresentação das Grandes Luzes, a comunicação dos segredos, a delegação da investidura, a instrução do canto Nordeste com a prova da Caridade, a entrega dos instrumentos, a exibição dos documentos e, na prática de Emulação, a própria Exortação. A cerimônia é uma só, unificada pela voz do Oriente e servida por todos os demais ofícios.

**O que não pode esquecer:** Que a pausa é instrumento de trabalho. O ritual manda esperar que o candidato se acostume à luz; a boa regência espera também que cada gesto se complete, que cada resposta assente, que o homem vendado tenha tempo de estar onde está e fique presente para o que está acontecendo e para o que está sendo dito. O Mestre que corre entrega o texto e perde a cerimônia. E que a Exortação, como vimos, se faz

com empatia e num ritmo que possa ser acompanhado: é a primeira aula que o novo Irmão recebe.

**A elegância:** A do Mestre é a mais difícil de todas porque é a menos visível: consiste em fazer os outros brilharem. A analogia da Preleção, que comparou seu governo à benigna influência dos luminares, é o programa do ofício: influir, criar as condições, distribuir trabalho e instrução, e aparecer apenas onde o ritual o põe.



**Figura 15.9.** Joia do Venerável Mestre, o Esquadro, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.

## 15.9 Os que o candidato não vê

Restam os ofícios que a Iniciação não põe diante do candidato, ou põe só de relance, e que nem por isso pesam menos na vida da Loja. Este livro os apresenta na medida do grau; seus pormenores pertencem aos manuais de ofício e à experiência.

O **Mestre Passado Imediato** senta à esquerda do Venerável, sem colar de ofício ativo: seu título é a memória recente do Oriente. Na Emulation Lodge of Improvement é só dele a resposta "Assim seja" que sela as preces (na maioria das Lojas privadas, ela é dita ou entoada por todos os Irmãos presentes; Redman, 2007, cap. 3), e é ele o socorro discreto do novo Mestre, presença que aconselha sem governar. A elegância do posto é toda feita de contenção: um Mestre Passado que ainda rege não largou o posto (ou o osso).

O **Capelão**, onde a Loja o tem, guarda as preces; o Diretor de Cerimônias ordena procissões, recepções e precedências, e é o zelador do como em tudo o que não tem fala, além da saudação aos oficiais e visitantes; o Secretário é a pena da Loja, atas, convocações, correspondência com a Potência, e seu trabalho é a memória escrita sem a qual nenhuma regularidade se prova; o Tesoureiro guarda os fundos e recursos que a Loja lhe confia por eleição; o Intendente de Caridade é o ofício em que a lição do canto Nordeste vira expediente permanente, atento aos Irmãos e famílias em necessidade, e já sabemos qual joia a tradição lhe deu: a trolha, que cimenta; os Stewards servem à mesa e aprendem, servindo, o caminho das cadeiras que talvez um dia subam; e o Organista, onde há música, veste de som as passagens que o ritual lhe confia.

Um traço comum encerra a lista e este capítulo. Nenhum desses ofícios se exerce por conta própria: cada um existe apontado para outro, o Cobridor para o Guarda Interno, o Guarda Interno para o Segundo Vigilante, os Diáconos para o Mestre e o candidato, os Vigilantes para o Mestre, o Mestre para a Loja, e a Loja, como diz a prece da Iniciação, para louvor do Santo Nome. O corpo de ofícios é a fraternidade organizada em serviço mútuo, renovada a cada Instalação, quando as joias móveis trocam de pescoço e os homens trocam de cadeira, e o Aprendiz que hoje assiste da coluna do

Norte fará bem em observar cada ofício com a pergunta certa: não "quando chegarei lá", mas "o que cada um destes homens está me ensinando sobre servir".

A sala está orientada, as joias explicadas, os ofícios apresentados. Falta o chão em que tudo isso se encontra e o que ele desenha: o pavimento de quadrados alternados, a estrela que reluz ao centro, a borda que o contorna, e as quatro borlas cujo segredo o Aprendiz carrega no próprio corpo desde a noite em que, sem saber, o executou. São os Ornamentos da Loja, assunto do capítulo seguinte.



**Figura 15.10.** Joia do Mestre Passado, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.



**Figura 15.11.** Joia do Capelão, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.



**Figura 15.12.** Joia do Tesoureiro, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.



**Figura 15.13.** Joia do Secretário. Shop at Freemasons' Hall, UGLE.



**Figura 15.14.** Joia do Secretário Assistente. Shop at Freemasons' Hall, UGLE.



**Figura 15.15.** Joia do Diretor de Cerimônias, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.




**Figura 15.16.** Joia do Diretor de Cerimônias Assistente, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.



**Figura 15.17.** Joia do Intendente de Caridade, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.



**Figura 15.18.** Joia do Charity Steward, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.



**Figura 15.19.** Joia do Organista, Liskeard Masonic Hall, Cornualha (2026). Foto de Mutney, Wikimedia Commons, CC BY 4.0.

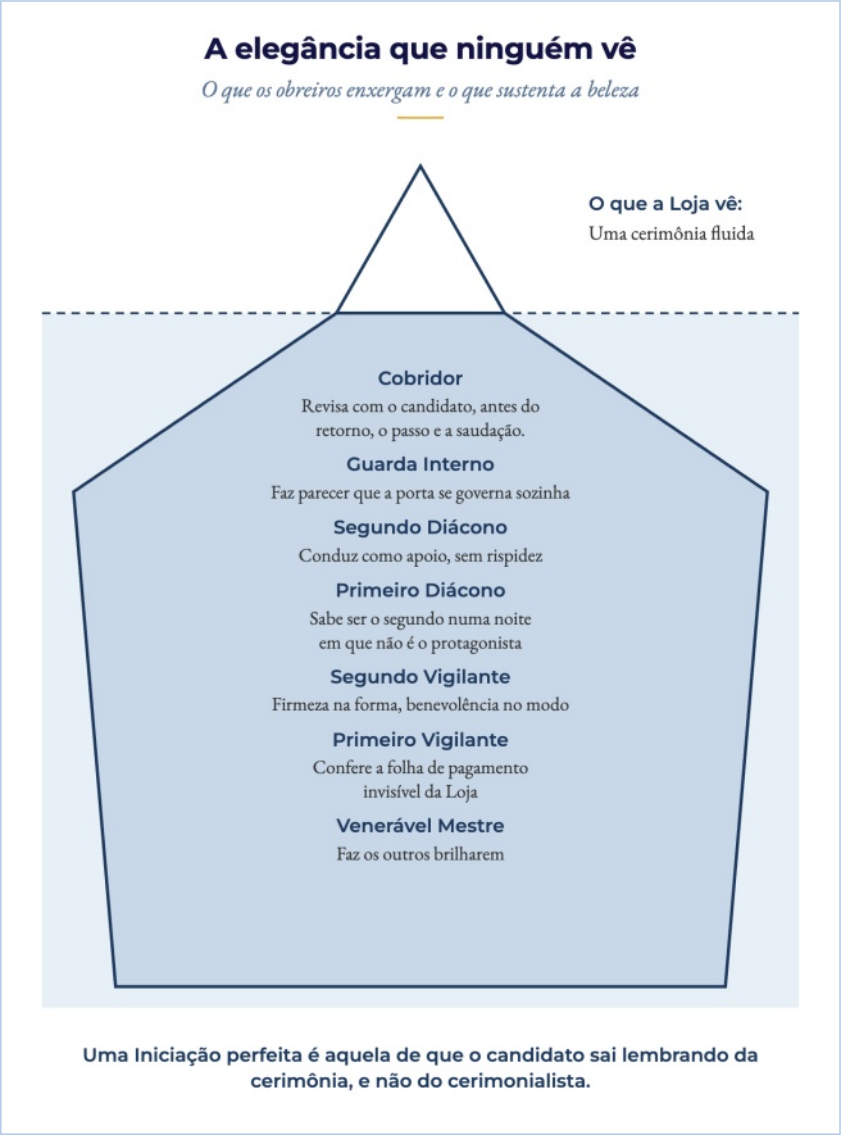



**Figura 15.20.** A elegância que ninguém vê. Elaboração do autor a partir de Redman (2007; 2011).

## PARA ESTUDO E ARGUIÇÃO

### QUESTÕES DE COMPREENSÃO

1. Enuncie as duas regras gerais de Redman apresentadas na abertura: a estética dos sinais e a regra de quem fica à ordem. Dê um exemplo de cada numa abertura de Loja.
2. Por que o Cobridor **nunca dá uma batida única**, e que informações o ritmo das batidas carrega? Como devem ser os anúncios verbais dele?
3. Qual é o dever mais negligenciado do Cobridor na Iniciação, segundo Redman, e por que este livro o considera grave?
4. Descreva a posição de trabalho do Guarda Interno e o vício de ênfase que a Emulação desencoraja. O que a ênfase no "está" insinuaria?
5. Que distinção de voz os Diáconos devem observar entre o texto impresso em preto e a rubrica? Quando, e somente quando, a Loja é enquadrada?
6. Qual é a regra absoluta do Segundo Diácono com o candidato vendado, e que construção da cerimônia ela sustenta?
7. Qual é o papel do Primeiro Diácono na Iniciação, e onde ele termina?
8. Que exclusividade tem o Segundo Vigilante na Iniciação? Que três minúcias Redman prescreve ao Primeiro Vigilante na investidura?
9. Até que momento da abertura o Mestre trata os Vigilantes pelos nomes, e por quê? O que esse detalhe revela sobre o sistema?
10. Escolha dois ofícios da seção final e diga, de cada um, a função e o traço de elegância apontado.

### QUESTÕES DE REFLEXÃO

1. "Precisão sem espetáculo." Onde, na sua Loja, você já viu a ostentação disfarçada de zelo? E onde viu a precisão silenciosa que Redman descreve?
2. A elegância do Primeiro Diácono na Iniciação é executar com perfeição um papel pequeno. Que cadeira, na sua vida de Loja ou fora dela, já lhe pediu essa forma de grandeza?

## SEMENTES DE TRABALHO

1. *A Loja pelos ouvidos: batidas, ritmos e anúncios como sistema de informação.* Fontes de partida: Redman (Emulação hoje, caps. 4-5); Ritual de Emulação (2015, Abertura da Loja e Cerimônia de Iniciação); este capítulo. O trabalho deve mostrar como porta, ritmo e fórmula verbal formam um código que a Loja inteira lê sem olhar.
2. *O ofício invisível: o Segundo Diácono na Iniciação.* Fontes de partida: Redman (Emulação hoje, caps. 6-7); este capítulo e a Parte II. O trabalho deve percorrer a cerimônia do ponto de vista do oficial atuante, mostrando quanto da experiência do candidato depende de decisões que ele nunca verá.

## REMISSÕES DE ESTUDO

Os postos solares e o jogral da abertura foram estudados no capítulo 13; as joias dos colares, no capítulo 14; a trolha do Intendente de Caridade apareceu na Exortação; a preparação, a condução e a investidura que este capítulo revê do lado dos oficiais são a matéria da Parte II. A seguir: os Ornamentos da Loja.